



UM MÊS DE DESGOSTO: A ATUAÇÃO DOS JORNAIS *TRIBUNA DA IMPRENSA* E *ÚLTIMA HORA* NA CRISE DE AGOSTO DE 1954.

Thársyla Glessa Lacerda da Cunha*

Resumo: Getúlio Vargas tomou posse como presidente da república, pela segunda vez, no ano de 1951, assumindo um governo democrático. No entanto, seu novo governo foi marcado por grande instabilidade política, devido à forte oposição por parte da União Democrática Nacional (UDN) e por parte da imprensa. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é verificar o poder de atuação da imprensa no campo histórico, destacando sua influência na construção dos acontecimentos políticos. Essa compreensão será feita, aqui, através da análise dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, durante a crise apresentada no segundo governo de Getúlio Vargas, buscando entender de que modo os interesses defendidos por eles, influenciaram os rumos políticos naquele momento, que teve o desfecho conturbado, com o suicídio do presidente em 24 de agosto de 1954.

Palavras-chave: Imprensa; *Última Hora*; *Tribuna da Imprensa*.

A MONTH OF DISGUSTING: THE NEWSPAPERS ACTION PRESS AND LAST TIME TRIBUNAL IN THE CRISIS OF AUGUST 1954.

Abstract: Getúlio Vargas took office as president of the republic for the second time in 1951, assuming a democratic government. However, his new government was marked by great political instability, due to strong opposition from the National Democratic Union (UDN) and from the press. In this sense, the purpose of this work is to verify the

* Doutoranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ) sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Antônio de Souza Mendes. E-mail: tharsylaglessa@hotmail.com.



power of the press in the historical field, highlighting its influence in the construction of political events. This understanding will be made here, through the analysis of the *Tribuna da Imprensa* and *Última Hora* newspapers, during the crisis presented in the second Getúlio Vargas government, trying to understand how the interests defended by them influenced the political course at that time, which had the troubled ending, with the suicide of the president on August 24, 1954.

Keywords: Press; *Última Hora*; *Tribuna da Imprensa*.

Introdução

O retorno de Getúlio Vargas à Presidência da República, no início da década de 1950, foi muito bem recebido pela classe trabalhadora, em contrapartida proporcionou intensa insatisfação dos setores da elite conservadora, interessada numa política liberal, contrários à política de amplo controle estatal promovido por ele. Essa insatisfação pôde ser notada, em especial, através da UDN, partido que se dedicou em destituí-lo do poder, em 1945, bem como em impedir sua posse após a vitória nas eleições de 1950.

Nesse sentido, um dos principais meios utilizados para que a oposição agisse contra o presidente, foi a imprensa, em especial, o jornal *Tribuna da Imprensa*, de propriedade do jornalista Carlos Lacerda, filiado à UDN desde sua fundação, em 1945. Para combater ou, pelo menos atenuar sua atuação, Vargas tinha ao seu lado o jornal *Última Hora*, de propriedade de Samuel Wainer, jornal que foi criado a pedido do próprio presidente.¹

Durante todo o seu segundo mandato, Vargas teve grandes conflitos a enfrentar de modo que, suas forças para se manter no poder foram se mostrando insuficientes diante dos ataques sofridos pela oposição, chegando ao ponto máximo de dificuldade no mês de agosto de 1954, tendo um investimento mais pesado, por parte de Lacerda nos ataques diretos ao Presidente, principalmente após o atentado praticado contra sua vida,

¹ LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda X Wainer: o Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

do qual falaremos mais adiante, levando ao precoce fim de seu governo, quando Vargas tirou sua própria vida.

Dessa forma, pretendemos analisar, neste trabalho, o desenrolar da crise de agosto de 1954, a partir das capas desses dois periódicos, no período de 05 a 31 de agosto, que de acordo com a visão que tinham sobre o governo, noticiavam os principais acontecimentos. Com isso há a intenção de mostrar como os jornais mencionados atuaram durante a crise de agosto de 1954, destacando a maneira como cada um agia em função dos interesses dos grupos dos quais faziam parte e desejavam ver no poder. Assim, será possível compreender o grande impacto que a imprensa exerce na política, sendo, portanto, um importante objeto de estudo da História. Lembrando que, antes de findar aquele mês, ambos anunciariam um dos acontecimentos mais marcantes do país: o suicídio do Presidente Vargas.

Antecedentes de agosto de 1954

Conforme já foi mencionado, a oposição exercida pela UDN foi amplamente fortalecida pela imprensa, através de Carlos Lacerda, na sua *Tribuna da Imprensa*. Além disso, Lacerda também conseguiu expandir seu campo de atuação, quando lhe foi concedido espaço no rádio e na, recém-chegada, televisão. Em contrapartida, Samuel Wainer atuava, em seu moderno jornal, em favor do presidente.

Lacerda utilizava como estratégia, fazer do jornal um veículo de informação, uma tribuna, ou seja, o discurso do jornal era elaborado como se fosse falado. Isso é demonstrado na entonação das publicações e nas palavras escolhidas para produzir as manchetes. Já a *Última Hora*, apresentava um tom mais moderado em suas publicações, não se assemelhando a uma tribuna política como seu adversário. No entanto, percebemos também, neste jornal, a preocupação em buscar as melhores palavras para suas manchetes, visando levar ao seu público uma ideia positiva do governo.

Para melhor compreensão da crise e a atuação dos jornais, organizaremos o resultado da análise de suas capas, em quatro pontos, de acordo com as principais

temáticas veiculadas nos jornais e o período em que estiveram em maior destaque, ressaltando que estes assuntos estão interligados, a saber:

Tabela 1: Ordem dos acontecimentos noticiados nos jornais, em meio à crise de agosto de 1954.

Assunto	Período
Repercussão da morte do major Rubem Vaz	05/08 a 11/08
Investigação do atentado da Rua Toneleros ²	05/08 a 25/08
Exigência da renúncia de Vargas	10/08 a 23/08
Repercussão do suicídio de Vargas	24/08 a 31/08

Agosto de 1954: estopim e desfecho da crise.

Devido sua forma agressiva de se expressar, já há algum tempo, Lacerda estava na “mira” de seus inimigos, prova disso é que já havia sofrido algumas agressões, visto que seu programa na Rádio Globo e na TV Tupi ampliavam sua visibilidade e aumentavam as possibilidades de sofrer alguma retaliação, pois era muito comum acontecer violências contra jornalistas naquele tempo. Por conta disso, alguns oficiais da Força Aérea Brasileira o aconselharam a não andar desacompanhado, oferecendo suas companhias como segurança ao jornalista no comparecimento aos seus compromissos de trabalho. No entanto, a previsão dos oficiais aconteceu mais rápido do que se esperava: na madrugada do dia 05 de agosto, Lacerda sofreu um atentado.

Ao chegar a sua casa, na Rua Toneleros, em Copacabana, após uma conferência no Externato São José, na Tijuca, Lacerda estava acompanhado pelo Major Rubem Florentino Vaz. Lacerda avistou alguns homens do outro lado da rua e se dirigiu à porta

² Quanto ao nome da rua do atentado, existem nas bibliografias e fontes relacionadas ao tema, uma variedade na forma de expressá-lo. Alguns trabalhos se referem à “Rua Tonelero”, que é o nome atual da rua localizada e Copacabana, no Rio de Janeiro, “Rua Toneleiro” ou até mesmo “Rua do Toneleiro”. No entanto, consideraremos, aqui, “Rua Toneleros”, por ser a forma como nos deparamos na maioria e principais fontes e bibliografias utilizadas neste trabalho.

principal do edifício quando notou que havia esquecido as chaves. Naquele momento um dos homens começou a atirar contra ele, que teve apenas seu pé atingido³. Enquanto isso, o major avistando a cena, desceu do carro, desarmado, e tentou lutar com o homem que atirava, porém somente com golpes não foi possível imobilizá-lo e o major acabou levando dois tiros fatais⁴.

Esse fato proporcionou graves consequências de cunho político. A partir desse grave acontecimento, a crise deixou de ser política para ser militar. O presidente sentiu que diante daquele acontecimento, seus dias no poder estavam mais ameaçados, como confessou:

Até agora eu considerava o jornalista Carlos Lacerda meu principal inimigo. Mas agora o considero meu 2º inimigo. Porque o 1º, aquele que maior prejuízo causou ao meu governo, foi o homem que atentou contra sua vida e assassinou esse jovem oficial da Aeronáutica⁵.

Ele estava certo, a repercussão do atentado foi grande. Wainer conta, em suas memórias, que ao ser informado do atentado e certificar-se de que Lacerda não havia morrido, ficou em choque e pressentiu que começava “uma das maiores tempestades políticas da história do Brasil”⁶. Wainer fez essa constatação, pois sabia que Lacerda faria disso uma forte arma contra Vargas, como realmente ocorreu.

A mobilização da *Tribuna da Imprensa* em torno de buscar os responsáveis pelo crime foi intensa, não hesitando em acusar diretamente o presidente. *Última Hora*, por sua vez, buscava, também, cobrir a investigação desse acontecimento, porém realizaria essa tarefa com muita cautela para não prejudicar Vargas, dedicando-se a rebater as acusações lançadas pela *Tribuna da Imprensa*.

Esses posicionamentos são claros, quando observamos as capas dos dois periódicos no dia 05, mesmo dia em que ocorreu o atentado. Como uma das vítimas do atentado fora o responsável pelo jornal, a *Tribuna da Imprensa* dedicou todo esse

³ O fato de Lacerda ter sido ferido no pé causou algumas discordâncias, na época, pois segundo alguns especialistas, se realmente ele tivesse sido atingido por uma bala do calibre 45, provavelmente teria perdido seu pé, não apenas se machucado. Porém, durante as investigações, Lacerda sustentou a versão de que fora atingido, mesmo que de leve.

⁴ DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda - A Vida de um Lutador (1914-1960)* - editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992 p. 177 e 178.

⁵ Idem p. 179.

⁶ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1987 p. 199.

espaço para noticiar o ocorrido naquela madrugada, trazendo em letras bem grandes, a indignação: “A nação exige o nome dos assassinos”. Diante da gravidade do acontecimento, Lacerda escreveu um editorial, que diferente do habitual, estava na primeira página. Neste, intitulado “o sangue de um inocente”, o jornalista aproveitava o momento envolvido de emoção para acusar o presidente como culpado por isso:

Rubem Florentino Vaz, herói do Correio Aéreo Nacional, pai de 4 crianças, caiu nesta noite a meu lado, meu próprio filho correu, com ele, o risco a que estão sujeitos os brasileiros entregues a um regime de corrupção e de terror.

Os que não cedem à corrupção caem sob a ação da violência.

Temos dito isto. Há neste país quem não saiba que a corrupção do governo Vargas gera o terror do seu bando? Dia após dia, noite após noite, a ronda de violência faz o cerco aos que não cedem à coação do dinheiro.

(...) Perante Deus, acuso um só homem como responsável por esse crime. É o protetor dos ladrões, cuja impunidade lhes dá audácia para atos como os desta noite. Este homem chama-se Getúlio Vargas. Ele é o responsável intelectual por este crime. (...) Assim como a corrupção gera a violência, a impunidade estimula os criminosos.

Penso nessas crianças e no meu filho. Rubem Vaz morreu na guerra. Morreu este querido amigo, na mais terrível, na mais insidiosa das guerras: a de um povo contra os bandidos que constituem o governo de Getúlio Vargas.⁷

Junto à acusação, apresentava uma foto do corpo do major e outra de Lacerda sendo atendido no hospital, atrelando imediatamente o atentado à Guarda Pessoal de Vargas, que o jornal alegou ter como participantes pessoas próximas a Lutero Vargas, filho do presidente, o que mantinha a ligação com o que já vinha sendo veiculado sobre Lutero e a corrupção.



⁷ Tribuna da Imprensa, 05/08/1954.

Figura 1: Capa da *Tribuna da Imprensa*, em 05/08/1954. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?Bib=154083_01&PagFis=16683&Pesq=> acesso em: 25/01/2017.

A comoção em torno da morte do major foi bem explorada pela *Tribuna da Imprensa*, de uma forma que levaria o leitor a se compadecer pela vida dele, e ainda mais pela sua família. Exemplo disso foi uma nota dos oficiais da Aeronáutica, que passou a sair quase todos os dias, nesse jornal, após a morte do major, sempre com o mesmo texto: “Há [quantidade] dias foi covardemente assassinado o major Rubem Florentino Vaz. Eliminado por facínoras, não lhe foi dada a mínima chance de defesa. Morreu inocente, exigimos justiça”.

Assim, devido toda emoção envolvida pelo atentado, aumentada pelo fato de que Lacerda estava completamente envolvido por ela, este deixou evidente que sua intenção com as publicações era ir a busca da punição dos criminosos e fazer com que esse fosse o sentimento dos seus leitores. Interessante é que, as manchetes que se referiam à memória do major ou fotos dele, apareciam sempre próximas às manchetes que acusavam Vargas, Lutero ou os membros de sua guarda, contribuindo para que o leitor, comovido com a imagem do major, ficasse ainda mais indignado com o acontecimento e exigisse a punição de todos.

O posicionamento da *Última Hora* sobre o atentado foi mais moderado, embora não escondesse a surpresa e o lamento pelo o ocorrido. Wainer relatou que procurou “apresentar o episódio sob um enfoque policial, embora soubesse que suas componentes políticas não tardariam a monopolizar as atenções do país”⁸.

A notícia do atentado não vinha em destaque, mas deixava clara a preocupação do governo em mobilizar recursos para o esclarecimento do crime, além de ressaltar que não era o momento para tentativas de golpes. Serenamente, próximo à foto do corpo do major, narrava: Em consequência da tentativa de morte, contra o jornalista Carlos

⁸ WAINER, Samuel. Op. Cit. p. 200

Lacerda, perdeu a vida, atingido pelas balas, o major Rubem Florentino Vaz, também ferido, o guarda municipal Silvio Romeiro.⁹



Figura 2: Capa da *Última Hora*, em 05/08/1954. Fonte: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=>> acesso em: 25/01/2017.

É notório o cuidado que a *Última Hora* teve em noticiar um crime de grave consequência, em que a vítima original era o próprio inimigo do presidente que estava sendo acusado, pelo mesmo, de ser o responsável pelo ato. Esse periódico como representante do governo, não poderia alarmar mais a situação, antes de maiores esclarecimentos da Polícia, e deixar o presidente ainda mais vulnerável. Esse cuidado se confirma nas palavras de Wainer:

Durante todo o tempo, fiz o que pude para eximir de qualquer culpa a figura do presidente, sustentando a tese de que, ainda que houvesse gente do Catete envolvida no episódio, Getúlio de nada sabia. Tratava-se de um brasileiro honrado, muito acima, de torpezas desse gênero. Lastimavelmente, o esforço da *Última Hora* em defesa de Vargas resultaria inútil.¹⁰

Além da preocupação em poupar o presidente, esse jornal tinha por característica sua diversidade de assuntos de modo que, diferente da *Tribuna da Imprensa*, não dedicou todo espaço da capa para se referir ao atentado, além de não dedicar as maiores letras às manchetes referentes a ele. Até mesmo para amenizar os efeitos que esse assunto estava causando na opinião pública.

⁹ *Última Hora*, 05/08/1954

¹⁰ WAINER, Samuel. Op. Cit. p. 201.

Ambos os jornais mostraram o sepultamento do major e toda comoção popular em torno de seu infortúnio. As homenagens permaneceram até se completarem sete dias de sua morte, sendo realizada a Missa de Sétimo Dia, que levou muitas pessoas à Igreja da Candelária.

A partir de então teria início uma forte campanha pela renúncia do presidente. É interessante observar o engajamento que a aeronáutica teve em buscar a punição para os assassinos do major, fator este que foi muito explorado por Lacerda, em seu jornal, com a intenção de ampliar a gravidade do caso. Por outro lado, a *Última Hora* reforçava, também, que o governo estava lutando e mobilizando todos os seus recursos em prol de fazer justiça e a fim de que cessasse toda agitação em torno deste acontecimento, para que o país voltasse a ter paz.

A comoção em torno da morte do major Vaz proporcionou consequências maiores do que pessoas indo às ruas acompanhar seu enterro ou a missa em sua homenagem. O trágico acontecimento seria amplamente investigado, não só por ter provocado sua morte, principalmente pela obscuridade em torno do crime.

Tal acontecimento permitiu que a Aeronáutica se apresentasse como principal foco de oposição a Vargas no seio das Forças Armadas e reclamou para si a responsabilidade pela apuração do crime, instaurando um Inquérito Policial Militar (IPM), conduzido pelo coronel João Adil de Oliveira.¹¹ O desejo pela punição dos culpados estava presente em toda imprensa e por todos os partidos, no Congresso.

Basicamente havia quatro homens envolvidos na execução do crime: Gregório Fortunato¹² (chefe da Guarda Pessoal de Vargas), Climério Euribes de Almeida (guarda presidencial), José Antônio Soares (motorista de Climério) e Alcino João do Nascimento (pistoleiro, que já havia prestado serviço a José Antônio Soares). Havia um quinto nome no início das investigações, que era de Nelson Raimundo de Sousa (motorista de táxi e barbeiro do Catete), que teria recebido 20 mil Cruzeiros e mais um emprego de investigador policial, para manter-se calado sobre o que veria acontecer.

¹¹ MENDONÇA, Marina Gusmão. *O demolidor de presidentes*. São Paulo: Editora Códex. 2002. p. 53.

¹² Gregório nasceu em São Borja, era negro e de origem humilde. Era chefe da Guarda Pessoal de Vargas. Em 1954, recebeu condecoração do Ministro da Guerra e recebeu de Mendes de Moraes o título de “Ministro da Defesa” do Brasil e a responsabilidade de evitar calamidades. Chamado pela imprensa lacerdistas de “o Anjo Negro do Palácio do Catete.”



Nesse sentido, tanto a *Tribuna da Imprensa* quanto a *Última Hora* seguiram firmes no acompanhamento das investigações. Os nomes e rostos dos envolvidos no crime estariam bem presentes em suas capas durante o mês de agosto, possuindo maior ênfase entre os dias 06 e 25. Um dos primeiros destaques sobre as investigações apontados pela *Tribuna da Imprensa* foi a confirmação de que houve participação de membros da Guarda Pessoal do presidente. *Última Hora*, por sua vez, trazia o depoimento do ministro da Justiça, Tancredo Neves, que após ter se reunido com o presidente, disse: “O governo é o principal interessado na apuração das responsabilidades”. Dessa forma, rebatia as acusações de que o presidente teria algum envolvimento com o ocorrido.

O jornal de Lacerda ao apresentar Climério como membro da Guarda Pessoal de Vargas, buscava mostrar o quão íntimo ele seria de Gregório e de Lutero e que vinha, há alguns anos, prestando serviços dessa natureza ao Catete. Em contrapartida, a cobertura feita pela *Última Hora* em torno da busca de Climério, tentava contrariar a versão que estava sendo passada por seu adversário, de que o presidente estivesse envolvido no crime, pois o jornal que lhe oferecia apoio mostrava com clareza que estava interessado, como todos, em solucionar o enigma do atentado. A visão que o jornal de Wainer transmitia era de que o governo via o crime como uma atrocidade, deveria ser esclarecido e todos seus responsáveis deveriam ser punidos pela sua covardia em realizar tal coisa.

Diante das investigações, envolvendo os membros de sua Guarda, o presidente decidiu dissolvê-la. Com esse ato demonstrava que estava deixando livre o espaço para o Inquérito, entendendo que, na condição de réus não poderiam continuar prestando serviços oficiais. As intenções do presidente foram explicitadas na *Última Hora*, em nota especial: “dissolvendo sua Guarda Pessoal, Vargas coloca uma vez mais a sua consciência do dever acima de todas as continências sentimentais”.¹³

A partir do dia 11, os dois jornais tiveram capas de grande destaque, principalmente por conta das prisões dos acusados, em especial a de Climério que foi um grande evento policial. Com todos os acusados presos, as investigações puderam tomar rumos decisivos.

¹³ *Tribuna da Imprensa*, 10/08/1954.



Estava nítido que a prioridade era a cobertura do atentado, foi cedido todo espaço necessário para publicar as novidades e em alguns momentos abriu mão de outras notícias, como foi dito no exemplar do dia 13:

A partir de hoje o seu jornal não publicará a Página Feminina, toda vez que os acontecimentos tumultuosos destes dias exigirem maior espaço para serem noticiados. Estou certo de que nossas leitoras, de boa vontade, se privarão de sua página própria, a fim de acompanhar de perto tais acontecimentos, de que também estão participando, com tanto interesse e entusiasmo.¹⁴

Após terem acesso aos depoimentos dos acusados, a *Tribuna* lançou em destaque que Lutero realmente era o mandante do crime.

Na *Última Hora*, porém, não vemos comentários sobre o fato da Guarda Pessoal estar envolvida. Há a cobertura das investigações, mas sem muitas especulações sobre a relação dos criminosos com Vargas, tanto que até o fim da primeira quinzena do mês, não vemos referência a Gregório neste jornal. Era necessário que a *Última Hora* conseguisse fazer uma cobertura mais amena, pois o atentado em si já foi suficiente para causar maiores complicações ao governo, principalmente tendo ampla exploração pela imprensa oposicionista.

Nesse sentido, demonstrando preocupação com a investigação do crime, a *Última Hora* dedicou todo espaço da capa do dia 17 para a cobertura da grandiosa captura de Climério. A cobertura da *Última Hora* foi bem mais enfática do que a da *Tribuna da Imprensa*, o que nos faz pensar que a preocupação dos dois, com a cobertura do crime, era diferente. O jornal de Wainer buscava mostrar a eficiência do Inquérito e o apoio que o governo estava dando para que os órgãos responsáveis tivessem liberdade para agir, enquanto, para a *Tribuna*, era mais interessante mostrar os depoimentos dos acusados, explorar quem eram os réus para alcançar o objetivo de provar a culpa do presidente. Exemplo disso, é que esse jornal, em alguns momentos, repetia manchetes, insistia em notas que já haviam publicado em dias anteriores, para reforçar a acusação.

Os dois jornais mostraram que a caça a Climério foi de uma proporção nunca vista, no entanto, para a *Última Hora*, a grandiosidade da busca ressaltava a capacidade da polícia, favorecendo a imagem do governo. Para a *Tribuna da Imprensa*, a

¹⁴ *Tribuna da Imprensa*, 13/8/1954.

grandiosidade da busca ressaltava o quanto Climério era perigoso e sua associação ao presidente, desejava mostrar que o país estava nas mãos de um bandido.

Apelo à renúncia do presidente

Logo ao início das investigações do atentado da Rua Toneleros, a *Tribuna da Imprensa* se engajou na campanha pela renúncia de Vargas, alegando que ele era, de certa forma, culpado pelo crime, e não poderia permanecer no cargo mais alto do país. A campanha impulsionada por Lacerda desejava fazer parecer que era a vontade da população que Vargas deixasse a presidência. Desse modo, a primeira publicação do seu jornal, se referindo a isso, foi no dia 10, tendo destaque com o título: “A nação exige a renúncia de Vargas”.¹⁵ Esse título era uma forma de dizer que a renúncia não era um desejo da oposição, apenas, mas quem estava intimando tal atitude era o povo.

Para exercer maior pressão, foi publicado um apelo bastante direto e agressivo, como era de se esperar deste jornal, para que o presidente se retirasse do cargo, através das seguintes palavras:

A Getúlio Vargas dirijo, de todo coração, um apelo supremo; Presidente da República; renuncia para salvar a República. Getúlio Vargas: deixa o poder para que o teu país, que é nosso país, possa respirar nos dias de paz que os teus lhe roubaram. Sai do poder, Getúlio Vargas, se queres ainda merecer algum respeito como criatura humana, já que perdeste o direito de ser acatado como chefe do governo.¹⁶

Para enfrentar a campanha contrária, a estratégia da *Última Hora* foi procurar dar destaque aos benefícios do governo e não concentrar toda atenção para os problemas que estavam ocorrendo. Exemplo disso, é que o jornal cobriu às investigações do atentado, demonstrou repúdio ao acontecimento, porém é possível observar numa mesma capa, notícias sobre o crime e outras como: aumento de salário para funcionários públicos, abertura de novos cargos, melhorias de transporte, entre outros. A estratégia foi usada desde o dia do atentado, em que se começou a cogitar a participação do presidente. No exemplar do dia 6, no topo da página, estava a nota: “na ordem do dia, o

¹⁵ *Tribuna da Imprensa*, 10/08/1954.

¹⁶ *Tribuna da Imprensa*, 11/08/1954.

aumento para os militares”. Poderia ser uma notícia normal, mas não deixa de ser intrigante ver que essa notícia veio um dia após a morte de um major da Aeronáutica, vítima de um atentado do qual o presidente estava sendo acusado. Ou seja, um aumento de salário tentaria amenizar a revolta dos militares para com Vargas.

Na mesma edição, após mostrar o posicionamento do *The New York Times* vinha uma entrevista com o ex-presidente Arthur Bernardes, com o título: “saia Vargas”. O jornal já havia publicado a fala de Dutra e agora a de outro ex-presidente, com isso mostrava que pessoas experientes em presidir o país consideravam inviável a permanência de Vargas.

Analisando as publicações dos jornais, podemos perceber como o ponto mais alto da crise, o dia 23. A conjuntura complexa vivida desde a madrugada do dia 05 “explodiu” naquele dia, quando o país vivia um momento decisivo. De um lado a oposição mais enérgica em definir a saída de Vargas em poucas horas. De outro, o momento de decisão do presidente e das Forças Armadas para garantir a ordem no país. A partir da análise das capas destes jornais, chegamos a ter a impressão de que os dois jornais não estão falando do mesmo dia e do mesmo contexto, pois a forma de transmitir o que estava ocorrendo foi muito diferente. A *Tribuna da Imprensa* resumia os acontecimentos da seguinte forma:

Noite agitada no país inteiro – intensa movimentação nos círculos militares – censuradas estações de rádio – Isolado o Palácio do Catete por um pelotão da polícia do Exército – Zenóbio promete garantir a ordem – Café propõe a Vargas a renúncia de ambos, em favor do presidente da Câmara.¹⁷

A *Última Hora*, por sua vez, resumia assim:

A marcha dos acontecimentos: até as 12 horas de hoje, a situação em todo o país permanecia inalterável. As Forças Armadas e a Polícia Civil permanecem em rigorosa prontidão, prontas a reprimir qualquer agitação, venha de onde vier. Todos os comandos desta capital e das demais Zonas Militares mantêm estreito contato com o Palácio da Guerra, onde o General Zenóbio da Costa coordena as medidas em defesa da ordem.¹⁸

¹⁷ *Tribuna da Imprensa*, 23/08/1954.

¹⁸ *Última Hora*, 23/08/1954.



Destacando que o Brasil estava livre de uma guerra civil, graças a atuação do Ministro da Guerra, a *Última Hora* demonstrava que não havia nenhuma agitação e, caso houvesse, estaria sob controle, como mostra a nota especial desta data:

Tranquilo o Catete:

Às 09 horas da manhã de hoje, o Presidente da República iniciou seus despachos normais. O Palácio do Catete permanece com a mesma guarda que para ali foi destacada desde o início da crise atual. Diversos governadores comunicaram-se hoje com o presidente, informando-o da situação de tranquilidade em seus Estados. As audiências e despachos ministeriais de hoje foram mantidos. Todos os departamentos da Presidência da República estão exercendo suas funções normais, sem qualquer alteração.¹⁹

Na noite do dia 23, Vargas dirigiu uma reunião ministerial de emergência para refletirem sobre qual seria a melhor saída diante de tal conjuntura: renúncia ou licença. No entanto, a reunião não foi produtiva em chegar a um acordo, então Vargas declarou sua decisão:

Já que o ministério não chegou a uma conclusão, eu vou decidir: determino que os ministros militares mantenham a ordem pública. Se a ordem for mantida, entrarei com pedido de licença. Em caso contrário, os revoltosos encontrarão aqui o meu cadáver.²⁰

“A virada de 23 para 24 de agosto de 1954 foi das mais tensas da história da República”.²¹ Naquela madrugada, Vargas sugeriu que, para solucionar a crise, ele deveria tirar uma licença temporária até acabarem as investigações. Como ele não aceitava a renúncia, os militares decidiram derrubá-lo. A recusa de Vargas em renunciar à Presidência da República levou a oposição a planejar seu afastamento através de imposições militares. “Acuado diante da crise, com margem mínima de manobra, Vargas encontrava-se em situação difícil e delicada”.²²

Vargas viu a negação de sua licença como uma deposição, sendo assim, pouco antes das 7:00 horas da manhã de 24 de agosto de 1954, Vargas se recolheu em seu

¹⁹ *Última Hora*, 23/08/1954.

²⁰ AURÉLIO, Daniel Rodrigues. *Dossiê Getúlio Vargas*. São Paulo: Universo dos Livros, 2009 p. 114.

²¹ Idem.

²² FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: _____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática, da democratização de 1945 ao golpe civil-militar*. Civilização Brasileira, RJ: 2003. p. 309.

quarto. Suas alternativas eram mínimas, renunciava à presidência da república, ao custo de sua desmoralização política, ou seria deposto por um golpe militar.

Com a sua morte, veio a público uma carta que havia deixado para ser lida ao povo, sendo conhecida como Carta-Testamento.²³ A carta foi encontrada por Ernani Amaral Peixoto, governador do estado do Rio de Janeiro e genro de Getúlio, em cima de uma mesinha-de-cabeceira do quarto presidencial. O documento foi lido em voz alta por Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda, para um grupo de pessoas que se encontrava no palácio do Catete e em seguida transmitido por telefone para a Rádio Nacional²⁴.

O inesperado ato do Presidente da República foi, sem dúvidas, o grande destaque das capas dos jornais, aqui analisados. Porém, o posicionamento de cada um deles foi bem diferente, demonstrando a postura que ambos seguiriam para viver a política sem Vargas. A *Tribuna da Imprensa*, com letras garrafais, dizia: “suicidou-se Getúlio Vargas.”. Segundo o periódico, o suicídio do presidente servia de “lição e advertência eterna.”.

Enquanto a *Última Hora* fazia uma capa detalhista sobre a morte do presidente, acusando os adversários do presidente de serem os culpados e mostrando a comoção popular, a *Tribuna* já se dedicava em apresentar o novo governo. Trazia as primeiras declarações de Café Filho e o recebimento de seus cumprimentos. Ora, acontecia uma tragédia, um episódio que talvez até hoje, não tenha havido nada mais marcante, e o jornal simplesmente se preocupa em dar uma nota e parabenizar o novo presidente?



²³ Existem duas cartas. Uma manuscrita e outra, um pouco maior, datilografada, o que causa dúvidas, ainda, sobre a veracidade da carta datilografada.

²⁴ <http://www2.camara.leg.br/atividade-egislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/getulio-vargas/carta-testamento-de-getulio-vargas>.

Figura 3: capa *Tribuna da Imprensa*, em 24/08/1954. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?Bib=154083_01&PagFis=16683&Pesq=> acesso em: 25/01/2017.



Figura 4: Capa da *Última Hora*, em 24/08/1954. Fonte: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=>> acesso em: 25/01/2017.

Em virtude das expressões de revolta do povo, o Exército interditou a Avenida Rio Branco e a Rua do Lavradio, onde situavam-se as sedes dos jornais *O Globo* e *Tribuna da Imprensa* para controlar os ataques que para lá se dirigiam. Tanta era a revolta contra os adversários, que o único jornal que teve condições de circular no dia seguinte foi a *Última Hora*, com quase 800 mil exemplares, todos os outros tiveram a saída de seus exemplares bloqueada pela ação popular.

A edição daquele dia teve poucas palavras escritas, mas muitos sentimentos expressados. Sob o título: “último encontro do povo com o grande presidente morto!”, informava sobre o velório e notificava que estavam contabilizados mais de dois mil desmaiados, sendo um fatal e dois graves. O restante da página se resumia a uma foto de Vargas no caixão sendo observado por um cidadão comum. A imagem conseguia transmitir através do olhar daquele cidadão, a expressão de tristeza que se encontrava no rosto de cada um dos brasileiros.



No dia 26, quando a *Tribuna da Imprensa* teve a oportunidade de colocar seus exemplares à venda novamente, Lacerda aproveitou para se pronunciar em relação à “culpa” pelo ato trágico do presidente.

Vale ressaltar que esse jornal não se importou em fazer a cobertura do velório de Vargas. Entendemos que o motivo tenha sido a intenção de minimizar as manifestações populares, não era interessante reforçar uma situação que, para eles, já fugia do controle.

Para sua defesa, escreveu um editorial de capa, intitulado “Pelo Brasil”. Nele, dizia que se inclinava em respeito à morte de Vargas e suplicaria misericórdia a Deus pelo seu ato de desespero. No entanto, alegava que:

Os que arrumaram o atentado da Rua Toneleros são os responsáveis pela tragédia da Rua do Catete. (...) Os mandantes da morte de Rubem Vaz são os responsáveis pelo suicídio de Getúlio Vargas.²⁵

Ainda se defendendo, Lacerda dizia que nunca tinha usado de violência, sempre o combateu com dignidade e lealdade, o que foi um exagero de sua parte, pois pode não ter usado de violência, mas abriu mão da dignidade quando publicou notícias falsas durante as investigações do atentado da Rua Toneleros ²⁶, como no episódio em que pretendia induzir uma confissão de Gregório Fortunato.

Além disso, chamava atenção para que esse episódio devesse ser tomado como exemplo, superado e que deveria seguir em frente com o novo governo. Encerrava dizendo que: “o suicídio não foi um ato de um homem combatido, mas de um homem traído.”. Diante dos últimos acontecimentos, com a necessidade de se explicar, o jornal publicou mais um breve editorial, apresentando os motivos pelos quais não pôde circular no dia 25, dizendo que desejaram evitar o ódio dos comovidos com a morte do presidente, visto que houve tentativa de depredação nos órgãos de imprensa. Após a explicação, mais uma vez ressaltava: “em vez de voltarmos às vistas para as cinzas do passado recente, preferimos deitar os olhos no futuro do país.”.

²⁵ *Tribuna da Imprensa*, 26/08/1954.

²⁶ LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978 p. 138.

Com essas palavras, estava claro o posicionamento da oposição, especialmente o posicionamento do jornal, em relação a como seguir adiante. Os últimos dias do mês de agosto, nas páginas da *Tribuna da Imprensa* não foram apresentados da mesma maneira que na *Última Hora*. O periódico de Lacerda abandonou toda a nostalgia que pairava sobre o povo brasileiro e seguiu no propósito de mostrar apoio ao governo Café Filho e minimizar o efeito das manifestações populares, normalmente utilizando palavras pejorativas para se referir a elas, como: desordens, agitações, entre outras semelhantes. Foi feita a cobertura completa e empolgada de cada novidade. Exemplo disso foi a matéria publicada em destaque com as fotos de todos os ministros nomeados pelo novo presidente, desejando mostrar que um novo tempo começava, como se fosse um momento de esperança.

Na *Última Hora*, porém, em que o maior interesse era lutar pela preservação da memória de Vargas, o mês de agosto teria um desfecho marcado pela tristeza. Foi cedido amplo espaço para a cobertura do velório, sendo que foram duas cerimônias, uma no Rio, no dia 25 e outra em São Borja, terra natal do presidente, onde foi sepultado. Além de mostrar a comoção popular, trazia depoimentos da família de Vargas, sendo um espaço para perpetuar o contato com o povo. Mostrando que a sua morte não significava o fim de sua importância, pelo contrário: “Vargas estava mais vivo do que nunca!”.²⁷

A cobertura das manifestações de carinho ao presidente teve bastante destaque até o dia 31, em que foram realizadas as homenagens devido aos sete dias completados de sua morte.

Conclusão

A partir deste trabalho, podemos compreender as dificuldades enfrentadas por Vargas em seu segundo governo, principalmente no que diz respeito à sua relação com a imprensa de oposição. Os ataques vindos da *Tribuna da Imprensa*, principalmente após o atentado contra Lacerda, contribuíram para a situação insustentável presenciada pelos brasileiros em agosto de 1954.

²⁷ *Última Hora*, 26/08/1954.



Diante disso, o presidente encontrou uma forma radical de resolver a questão, de modo que seus inimigos não saíssem vitoriosos para controlar a política brasileira. Seu suicídio representou uma grande “virada”, fazendo com que, dentro de um mês, ele fosse apresentado como criminoso e como herói. Sua estratégia, apesar de ousada, foi muito eficiente para cessar esse embate, pois se continuasse vivo, além de ter dificuldade de se manter no poder, teria por muito tempo seu nome ligado a mais comentários maldosos. Com sua morte, porém, conseguiu desconstruir a acusação de criminoso e, diante de seu cadáver, não restava mais espaço para acusações. Sua imagem foi eternizada como o presidente amado que causou muitas lágrimas de profunda tristeza do povo brasileiro.

Para seus adversários, ele ainda incomodava, mesmo depois de morto, pois o legado deixado por ele foi forte. Sua memória seria suficiente para impedir o avanço dos udenistas naquele momento. O medo do legado de Vargas pôde ser notado na oposição, quando percebemos que rapidamente os órgãos de imprensa se mobilizaram para mudar a visão que apresentavam dele ou, como no caso da *Tribuna*, tratou de mudar de assunto bem rápido, para não favorecer as repercussões de seu suicídio.

Através dessa pesquisa foi possível alcançar o objetivo proposto de analisar a atuação política da imprensa. O embate entre os jornais aqui analisados demonstra a ação para a criação ou manutenção de uma visão do mundo social. Há a necessidade desses meios de comunicação em se afirmarem como formador de opiniões, buscando assim, legitimar sua identidade construída. Embora estivessem movidos por interesses opostos, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora* vivenciavam a mesma experiência de buscar persuadir pelo discurso.

Em suma, este trabalho contribui para a compreensão da imprensa como instrumento político, que possui capacidade para atuar no campo histórico. Com isso, concluímos que os estudos que envolvem a História Política, no que diz respeito à análise das relações de poder na sociedade, não podem se abster de considerá-la importante para a percepção de tais relações. A análise das fontes permitiu para a compreender, pela observação das experiências do país, a ligação existente imprensa e política, que nos mobilizou na realização desta pesquisa.

Referências

Fontes documentais

Biblioteca Nacional

Jornal *Tribuna da Imprensa* – Rio de Janeiro;

Jornal *Última Hora* – Rio de Janeiro;

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

AURÉLIO, Daniel Rodrigues. *Dossiê Getúlio Vargas*. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (coleção Estudos Brasileiros vol. 51).

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2ª Ed. São Paulo: Unesp, 2009.

D'ARAÚJO, Maria Celina S. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. 206 p.

DELGADO, Márcio de Paiva. *O Golpismo Democrático: Carlos Lacerda e o Jornal Tribuna da Imprensa na quebra da ilegalidade (1949-1964)*. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/M%C3%A1rcio-de-Paiva-Delgado.pdf>>

DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda - A Vida de um Lutador (1914-1960)* - editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992.

FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: _____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática, da democratização de 1945 ao golpe civil-militar*. Civilização Brasileira, RJ: 2003. p. 301-343.



GIRARDET, R.. “Para uma introdução ao imaginário político”. In: *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p. 9-24.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda X Wainer: o Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

_____. Batalhas em letras de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 179-206

MENDONÇA, Marina Gusmão. *O demolidor de presidentes*. São Paulo: Editora Códex. 2002.

RIBEIRO, José Augusto. *A Era Vargas, volume 2: 1950-1954: o segundo governo Vargas*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

_____. *A Era Vargas, volume 3: agosto 1954: a crise e a morte do presidente*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

ROUCHOU, Joëlle. *Samuel: duas vozes de Wainer*. Rio de Janeiro: Univercidade Ed., 2004. 209 p.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1987.